

## **Pequenos times, grandes disputas: conflito, controle e fama em um time de futebol sul-mineiro**

Small Teams, Big Disputes: Conflict, Control and Fame in a Southern Minas Gerais Football Team

**Bruna Motta dos Santos**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil  
Doutoranda em Antropologia Cultural, UFRJ  
bruna-motta@outlook.com

**Marcos Paulo Mello**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil  
Mestre em Ciências Sociais, UFJF

**RESUMO:** O presente trabalho buscou abordar o futebol como um fenômeno social e o encarou como parte de um processo social mais amplo. Para este empreendimento, realizamos etnografia com jogadores, dirigentes e torcedores do Catanga Futebol Clube, time de futebol amador de Passa Quatro, região sul-mineira. Foi possível compreender como essa coletividade participava ativamente de dinâmica que envolvia operações de mapeamento, em que esses sujeitos se mantinham sempre atentos às ações e aos acontecimentos, sob os contornos de sociabilidade agonística que reforçava uma conflitividade latente, cujos embates de reputação orientavam aspectos desses personagens em narrativas sociais. Assim, na condição de representantes de uma localidade marginalizada na cidade, o time de futebol se tornou fonte de respeitabilidade e oportunidade de demonstrar o valor daquele lugar – o bairro era ressignificado pelo futebol por meio dos conflitos da torcida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Operações de mapeamento; Produção de famas; Controle; Conflito.

**ABSTRACT:** The present work sought to approach soccer as a social phenomenon, seeing it as part of a broader social process. For this project, we carried out an ethnography with players, managers and fans of the Catanga Futebol Clube, an amateur soccer team from Passa Quatro, in the southern region of Minas Gerais. It was possible to understand how this collectivity actively participated in a dynamic involving mapping operations, in which these subjects were always attentive to actions and events, under the contours of an agonistic sociability that reinforced a latent conflict, whose reputation clashes guided aspects of these characters in social narratives. Thus, as representatives of a marginalized location in the city, the football team became a source of respectability and an opportunity to demonstrate the value of that place, through which the neighborhood was redefined by football through the conflicts of the fans.

**KEYWORDS:** Mapping Operations; Fame; Control; Conflict.

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho, busquei abordar o futebol como um fenômeno social e encará-lo como parte de um processo social mais amplo, um contínuo acontecer que envolve dinâmica complexa mobilizada por aqueles que com ele se envolvem, seja nos estádios, seja nas ruas, nos bares, nos blocos de carnaval e nas suas atividades cotidianas. Articulado à inúmeras instâncias da vida social, o futebol tem o potencial de revelar um panorama de personagens diversos e, conseqüentemente, os códigos de seus comportamentos.

O objetivo deste artigo é discutir operações de mapeamento social, fama, controle e a forma como esses aspectos são gerenciados por jogadores, torcedores e dirigentes de um time de futebol amador. É a partir do futebol que podemos coletar evidências sobre uma comunidade que também retrata o bairro em que vive. Para este empreendimento, realizamos etnografia que acompanhou essa coletividade do Catanga Futebol Clube e do “bairro do Catanga” durante as duas das principais competições de futebol amador de 2019<sup>1</sup>.

A origem do bairro está associada a um episódio trágico, quando, na noite de 22 de dezembro de 1956, a cidade de Passa Quatro/MG<sup>2</sup> foi acometida por uma tempestade de verão, o que provocou o transbordamento do Rio Mato Dentro que

---

<sup>1</sup> As duas competições em questão são a Liga Desportiva Caxambuense (LDC) e o Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro, realizados, respectivamente, pela LDC e pela Secretaria de Esportes de Passa Quatro. A edição de 2019 da LDC ocorreu de 17 de março a 14 de julho daquele ano e foi organizada em três grupos da seguinte forma: os grupos A e o B foram compostos por cinco times, e o grupo C, por apenas quatro, o que configurou um total de quatorze times das cidades da região sul-mineira: Cruzília, Itanhandu, Caxambu, Pouso Alto, Varginha, São Lourenço, Baependi, Madre de Deus, Carmo de Minas, Andrelândia, Soledade de Minas, Conceição do Rio Verde e Passa Quatro. O time do Catanga foi eliminado nas quartas de final pelo time de Soledade de Minas. A segunda competição, o Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro, ocorreu entre 04 de novembro e o final do respectivo mês. O torneio é o mais prestigiado pelos catanguenses, como me relatou Dário, capitão e dirigente do clube: “[...] é preciso ganhar pelo menos uma vez na vida o municipal”. A edição de 2019 do campeonato municipal foi organizada em duas divisões e contabilizou um total de dez times, cinco em cada divisão; edição esta em que o Catanga se sagrou campeão municipal da 1ª divisão.

<sup>2</sup> Localizada por expedições bandeirantes paulistas em meados do século XVII, as trilhas da cidade fazem divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. Devido ao fato de a estrada, hoje conhecida como Caminho Velho da Estrada Real, cruzar quatro vezes o rio local, tanto a cidade como o referido rio receberam a denominação de Passa Quatro. Segundo o IBGE, sua população é estimada em 16.344 pessoas (IBGE, 2020).

perpassa os bairros Barrinha, Boa Vista, São Francisco e Santa Terezinha.<sup>3</sup> A inundação invadiu casas e arrastou tudo o que encontrou pela frente, ocasionou a morte de 32 pessoas e deixou 80 feridos. Uma das ações mais destacadas pelas autoridades públicas foi o projeto de lei que declarava o caráter emergencial para a desapropriação de terrenos no bairro Rio das Pedras e visava construir um conjunto habitacional para os desabrigados.<sup>4</sup> Pedro Mossri,<sup>5</sup> na condição de secretário da prefeitura da cidade, produziu uma apostila intitulada “Ligeiras anotações sobre os bairros da cidade de Passa Quatro”. Conforme a sua descrição, a prefeitura indenizou as vítimas segundo os seguintes critérios: aqueles que possuíssem a escritura do lote e uma moradia já construída poderiam cedê-los para a prefeitura em troca de uma moradia na Rua Chicó Melo, no Bairro Rio das Pedras, ou, ainda, aqueles que tivessem somente um terreno, sem nenhuma construção, poderiam receber indenização em troca dos lotes com o poder público municipal. Surgiu assim o Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek, conhecido popularmente como “Casas populares”.

Anos mais tarde, na década de setenta, nas imediações das Casas Populares, nasceu o tradicional Catanga Futebol Clube.<sup>6</sup> Quando se falava em futebol no bairro

---

<sup>3</sup> Trata-se do bairro rival do Catanga, tanto nos gramados como nos desfiles de carnaval. Curiosamente, os dois bairros destacados pela rivalidade estão vinculados também pela tragédia da tromba d’água de 1956 e pela criação do “bairro do Catanga”. O bairro Santa Terezinha se localizava em um lugar que, no passado, era um vasto pasto. Este, com a expansão do comércio de gado, transformou-se em um enorme curral, passagem obrigatória de manadas vindas da região. Por se tratar de ponto de intensa negociação de gado, o local, que recebia o nome de sua protetora, passou a ser conhecido como “Feira”. Mesmo com o fim dessa atividade pecuária, a Feira continuou com intensa atividade comercial devido a seus armazéns, seu comércio de secos e molhados, seus bares, seus botequins, suas confecções, suas padarias, seus açougues, seus armarinhos, suas quitandas e seus mercados até os dias de hoje. É uma região mais central, ao lado do centro da cidade.

<sup>4</sup> SALES. A tromba-d’água de 1956 em Passa Quatro/MG, p. 50.

<sup>5</sup> MOSSRI. Apostila Passa Quatro, p. 10.

<sup>6</sup> A apostila de Mossri (1995) também menciona a origem do nome do time de futebol. Segundo o texto, “Catanga” é uma referência a um conflito ocorrido na África, na década de 60, desencadeado pela insurgência da província de Katanga na tentativa de separação da República Democrática do Congo. Por inspiração desse acontecimento histórico, o clube de futebol, que surgiu nas imediações das casas populares, recebeu esse nome na década de 70. Assim, diz Mossri: “Catanga era, para muitos, palavra que significava violência, briga” (MOSSRI, 1995, p. 34). Nesse contexto, surgiu a “confusão” de associar as Casas Populares ao clube de futebol do Catanga. Apesar da narrativa oficial impressa na apostila de Mossri, entre os torcedores do Catanga Futebol Clube existe outra versão sobre a origem do nome do clube. Segundo essa versão, o nome tem origem na iniciativa de um antigo morador de reunir jogadores que residiam no local para formar um time de futebol masculino. A tarefa se mostrou complicada devido à dificuldade em encontrar homens disponíveis. Assim, formou-se um “catado”, “catando” todos aqueles aptos a entrarem em campo. Posteriormente, anos depois, esse time se tornaria o Catanga.

Rio das Pedras, logo se pensava nesse clube. Catanga denominava não apenas o time de futebol, mas o bloco de carnaval local e o próprio bairro, de modo que, até os dias de hoje, por onde quer que se passe na cidade, o bairro é reconhecido como “bairro do Catanga”. Assim, time de futebol e bairro se mostravam como esferas intensamente vinculadas, o que dificultava traçar uma linha divisória entre um e outro. Era por meio do futebol que esse clube amador ganhava destaque dentro do bairro e, ao mesmo tempo, criava elos de interação com o restante da cidade a partir de laços de pertencimento.

Nesse sentido, o texto que se segue tem como objetivo explorar os efeitos da autoconsciência dos torcedores do Catanga a respeito da reputação que o bairro possui na cidade: o de ser violento e perigoso. Se durante os jogos no estádio municipal o estigma de bairro violento e “marginal” era mobilizado positivamente pelos torcedores no confronto com outros times e bairros da cidade, noutros momentos, jogadores e torcedores do Catanga procuravam limitar ou ressignificar a fama por meio de formas socialmente instituídas de autocontrole. Desse modo, o artigo foi estruturado a partir da noção de operações de mapeamento, de produção de famas e de controle.

### **O JOGO DE CINTURA E A BEBIDA: A QUESTÃO DO CONTROLE**

Catanga é um bairro de periferia, localizado em um dos extremos da cidade, e faz divisa com a zona rural. É notável a associação entre periferia e desordem social no que se refere à ideia de violência. Diversos foram os “avisos” para eu tomar cuidado quando fosse circular no bairro; era preciso “ter contato com algum morador”, “estar atento ao horário” e “não dar bobeira por lá”, afinal “o povo do Catanga é tudo encrenqueiro”. Muitas dessas falas vinham de pessoas que não frequentavam o bairro, mas evocavam narrativas a partir de seus torcedores de futebol, ou seja, de quando estes eram vistos torcendo pelo time do bairro, o que formou um circuito de estigma.

Para compreender melhor essa questão, mobilizo o conceito “operações de mapeamento”,<sup>7</sup> que evoca a elaboração de “mapas” das relações como prática

---

<sup>7</sup> COMERFORD. Como uma família, p. 17.

permanente de produção de referências; isso configura uma prática obrigatória e naturalizada para se situar no cotidiano. Ao abordar as dimensões da vida “na roça” da Zona da Mata de Minas Gerais, o autor observou que os moradores efetuavam um controle informal das ações e dos acontecimentos sobre os demais e demonstravam estar conscientes de que suas atitudes poderiam alimentar narrativas de vizinhos e parentes, que eram os espectadores e, ao mesmo tempo, autores dessas narrativas. Forma-se, assim, uma trama de interpretações e julgamentos sobre qualidades morais dos atores e de suas famílias. Diante dessa dinâmica da sociabilidade agonística, ocorre uma fluência de relações entre cooperação, união, desentendimento e rompimento, o que revela como as circunstâncias podem mudar rapidamente ao ser filtradas por interpretações e julgamentos mútuos dos atos e relatos e, assim, ganhar caráter público ao circular. Tornar público implica diretamente a consolidação de reputação e fama que recaem sobre as famílias, a partir de determinadas condições internas à política de reputações. Estas são, conseqüentemente, condições de respeitabilidade que alimentam e fornecem conteúdo para a prática do mapeamento social.

Um ponto de partida possível para a análise dessa sociabilidade agonística, essa conflitividade permanente, que é de certo a própria matéria do cotidiano dessas localidades, é abordar a sequência de atos e eventos qualificados especificamente, nos termos dos próprios atores, por um vocabulário referido ao conflito, designados por palavras como: confusão, baderna, encrenca, briga, violência, morte.<sup>8</sup>

À vista disso, o autor cita a deflagração de conflitos em situações públicas, por exemplo, na rua, em bares e em jogos de futebol, como aspectos que conformam as relações entre famílias e os limites entre elas. Dessa forma, os conflitos se tornam pertinentes porque estabelecem referências sobre relações entre pessoas e familiares e constituem critérios de avaliação e hierarquização. Nas palavras do autor:

Conflitos são bons para pensar — um pensamento “público”, expresso em narrativas, com efeitos sobre a modulação de fronteiras e relações entre unidades socialmente significativas nas configurações dos córregos da região e que fazem parte do processo cotidiano de mapeamento.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> COMERFORD. Como uma família, p. 67.

<sup>9</sup> COMERFORD. Como uma família, p. 69.

Em seu trabalho etnográfico sobre as narrativas de pactos demoníacos nas regiões Norte e Noroeste de Minas Gerais, Luzimar Pereira<sup>10</sup> se propõe a compreender as histórias dos pactos e dos pactários como pertencentes a um campo de disputa, no qual diversos atores se enfrentam em torno de reputações. Contados em locais mais restritos, o assunto é “delicado”, envolve acusações, reputações e tabus religiosos e difunde, assim, “[...] um grande estoque de saberes relativos aos contatos com o diabo, colocando em jogo alguns dos conceitos centrais da vida musical, social e religiosa dos devotos e dos violeiros católicos do norte e noroeste mineiro”.<sup>11</sup> Segundo o autor, são informações relevantes sobre ações observadas que, ao ser narradas, funcionam como ferramentas sociais e culturas que inferem aspectos positivos ou negativos nas reputações coletivas ou individuais. Os embates por reputação evidenciam uma noção importante, o conceito de fama, que se refere a uma imagem pública a partir de processo passível de iluminar tanto aspectos positivos quanto negativos e organizar diversos personagens nessas narrativas sociais. Como afirmou o autor: “[...] a fama parece revelar uma espécie de consciência nativa de que a imagem pública de um tocador é antes de tudo construída e debatida socialmente num amplo campo de disputas sociais”.<sup>12</sup>

Trazendo uma análise sobre controle, em seu trabalho com os moradores da Terceira Margem, Grazielle Dainese<sup>13</sup> deu atenção às falas, à sua circulação e o que faz com que determinadas questões circulem como condição e termômetro para se relacionar. Eles têm o potencial tanto de criar vínculos quanto de desestabilizá-los. Desse modo, a autora chama a atenção para um controle no qual seria possível administrar um desentendimento sem causar grandes rupturas, “desentender-se é coisa comum entre os mais chegados, no entanto, é por bem da própria intimidade que, para tais acontecimentos, haja controle”.<sup>14</sup> Esse controle se apresenta de diversas maneiras, como manter o silêncio circunstancial com o objetivo de não agravar o desentendimento; desconversar sobre determinado assunto; comentar

---

<sup>10</sup> PEREIRA. As vicissitudes da fama.

<sup>11</sup> PEREIRA. As vicissitudes da fama, p. 1048.

<sup>12</sup> PEREIRA. As vicissitudes da fama, p. 1072.

<sup>13</sup> DAINESE. Chegar à Terceira Margem.

<sup>14</sup> DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 234.

determinadas situações consideradas restritas a determinados ambientes; um constante se preocupar com a fala para não “dar o que falar”.

Muito piores são os atos de violência, recriminados, mas vivenciados por mulheres da localidade que perdem a cabeça e enfrentam sua possível adversária — não com palavras, mas com socos ou puxões de cabelo. As mulheres reconheciam: ao manter a conversa a sós, Nenha tinha —tido controle.<sup>15</sup>

Esses momentos de tensão são tratados a partir da ideia de controle justamente para evitar possibilidade de ruptura da vida coletiva, dado que uma desestabilização radical pode ser considerada por qualquer morador como um desentendimento contínuo, o que causa sofrimento para os envolvidos. Dessa forma, segundo Dainese,<sup>16</sup> o conflito é vivido pelos moradores da Terceira Margem pela necessidade de autodisciplina e pelo cuidado em se relacionar.

Contudo, essa maneira de viver não implica uma vida sem conflitos, porque “[...] mais importante do que evitar divisões e distanciamentos é o conhecimento que cada um aciona nessa vivência, de modo a evitar que as tensões se reproduzam continuamente”.<sup>17</sup> A autora faz um paralelo com a política, em que forças como paixões e interesses são acionadas e podem gerar o desentendimento, principalmente porque, vinculada à divisão, a política é feita de partidarismos que arriscam as relações de parentesco e amizade.<sup>18</sup> Ou seja, a política é um contexto social em que essas forças encontram grande potencialidade de intensificação. Nesse sentido, a paixão que se manifesta nas campanhas eleitorais municipais e a paixão que se expressa no dia a dia se assemelham na maneira como influenciam a vida pessoal e coletiva.<sup>19</sup> Portanto, mesmo que os margeenses não sejam controlados o tempo todo, principalmente durante a política, isso não significa que seja um dispositivo esquecido. Pelo contrário, é um dispositivo que busca dar ordem diante de um desordenamento das relações, porque evidência e potencializa um saber viver diante do que se apresenta às suas existências.

<sup>15</sup> DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 241-242.

<sup>16</sup> DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 239.

<sup>17</sup> DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 239.

<sup>18</sup> DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 240-241.

<sup>19</sup> DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 245.

No tópico que se segue, pretendo demonstrar o modo pelo qual os próprios catanguenses refletiam sobre a reputação que recaía sobre eles, seu clube de futebol e o seu local de moradia, de modo que essa reflexão acionava estratégias para lidar com tal reputação sem que isso reverberasse fora dos limites do Estádio. Para isso, utilizaram-se de um dispositivo de técnicas corporais, o “drible”, e fizeram com que a violência cedesse lugar para a “brincadeira”, o “tirar sarro” do adversário dentro de campo.

### **O DRIBLE: O CONFRONTO EM CAMPO**

Para Dário, dirigente e jogador do Catanga, os julgamentos a que são submetidos os catanguenses na cidade de Passa Quatro advinham em partes de provocações, as quais ele mesmo realizava em campo, como observei durante a segunda partida semifinal do campeonato municipal, fase da competição que antecedia a grande final. Naquela ocasião, o Catanga venceu com certa tranquilidade o Pinheirinhos por 5 a 0. A vantagem em campo se tornou evidente com o desânimo dos atletas adversários nos minutos finais. Àquela altura da partida, os jogadores do Pinheirinhos já não corriam com o mesmo empenho, enquanto os jogadores catanguenses tocavam a bola sem muita objetividade e esperavam apenas o tempo de a partida passar. Como a vitória já estava garantida, sem a pressão, abriu-se a possibilidade para realizarem jogadas mais arriscadas, como dribles mais ousados. Os dribles podem ser entendidos como “jogadas de efeito”, demonstrações reconhecidas de habilidade com a bola. Isso causava uma reação na torcida, que voltava a gritar ainda mais alto em apoio e excitação. Com o drible, surgiram várias provocações, como pegar a bola, correr para a linha do escanteio e esperar o tempo passar.

No contexto do futebol profissional, Arlei Damo<sup>20</sup> destaca que o drible é um dispositivo que envolve o domínio de técnicas corporais e possibilita múltiplas possibilidades na partida. Esse dispositivo, segundo o autor, costuma ser apreciado pela torcida, contanto que seja eficiente. Caso contrário, o drible se torna alvo de protesto, porque pode ocasionar a perda da posse de bola e deixar o time sujeito a

---

<sup>20</sup> DAMO. Senso de Jogo.

um gol do adversário. Dispositivo usado de modo mais restrito, o drible parece sujeito ao compromisso com o resultado da partida. Nesse sentido, ele se opõe ao “passe” mais acionado e reforça o jogo de futebol como um esporte coletivo, reconhecido como o meio mais eficaz de levar a bola para perto do gol adversário.

A dimensão individualizante do drible é reforçada durante o período de formação dos jogadores. Em relação ao futebol praticado no âmbito amador, Enrico Spaggiari<sup>21</sup> reservou um capítulo para descrever a aprendizagem de jovens jogadores em escolinhas do subúrbio de São Paulo, os quais desejavam se tornar profissionais no futuro. Em meio a treinamentos e conversas entre professores e jovens alunos, o futebol emerge como um esporte que mescla fundamentos que priorizam o coletivo, mas que permitem momentos em que jogadas individuais possam vir a beneficiar a equipe, um “saber usar” que não deve se sobrepor ou prejudicar a organização coletiva do time durante a partida.

Embora seja essencialmente coletivo, o jogo também deve ter seus momentos de expressão individual. Ao mesmo tempo em que exigem a efetivação de uma atuação mais conjunta, os professores reafirmam a importância do drible, para eles atrelado à esperteza e malandragem do jogador brasileiro, também úteis para obter vantagens e superar adversidades na vida cotidiana: “No futebol de hoje tem que ter velocidade, força. Mas ao mesmo tempo tem que ter ousadia, malandragem”, pondera Garrincha. As jogadas individuais, portanto, não são um problema, desde que os fundamentos e objetivos do treino coletivo sejam mantidos.<sup>22</sup>

Desse modo, os jogadores se movem entre cobranças para mostrar um diferencial, ser alguém especial no meio de tantos outros com o mesmo objetivo, mas que, ao mesmo tempo, precisam aprender a jogar também em equipe, mediante a sua habilidade, sem comprometer o coletivo. Mesmo diante da possibilidade de constrangimento por parte da torcida presente e até mesmo de retaliação dos jogadores adversários com uma possível falta mais violenta, os jogadores do Catanga tinham certa liberdade para tentar um drible e uma jogada individual.

Considerando que no Catanga não existia treinamento da equipe, os ajustes táticos e técnicos eram feitos em conversas antes e durante a partida. Isso não se

---

<sup>21</sup> SPAGGIARI. *Família joga bola*.

<sup>22</sup> SPAGGIARI. *Família joga bola*, p. 221.

aplicava somente ao drible, mas à demonstração de habilidade que também passava pelo gol. Assim como o drible, o gol não precisava ser bonito. Existiam situações nas quais o reconhecimento do grande rival passava pela dificuldade do confronto em campo. Quando Miguel fez dois gols contra o São Jorge<sup>23</sup> durante a primeira fase do campeonato municipal, o reconhecimento de tal feito refletiu o tratamento diferente em relação aos demais jogadores naquela ocasião. No caminho de volta para a casa, a parada na sede do clube teve como premiação cervejas para o jogador, que pôde pegar a quantidade desejada sem pagar.

Do mesmo modo que a “rebolada” de Dário e os dribles feitos ao final da partida não eram apreciados e reconhecidos por si mesmos, mas pelo que eles comunicavam, era a partir deles que se tornava possível tirar sarro, ou seja, insultar o status dos seus adversários. Aquele que dribla se torna “habilidoso”, enquanto aquele que é driblado “fica sem graça”.<sup>24</sup>

O uso do drible como forma de “tirar sarro” do adversário sem, contudo, extrapolar o âmbito do campo revelava não apenas o modo pelo qual os próprios atores refletiam acerca da imagem que o bairro, o time e a torcida tinham em Passa Quatro, mas também as estratégias individualizantes de enfrentamento, em que a violência cedia lugar à “brincadeira”. Esse é o lugar do “drible” na fala de Dário: uma forma paradigmática de confrontar o poder, sem, contudo, colocar em risco seu fundamento, ao modo daquilo que Max Gluckman<sup>25</sup> denominou rituais de rebelião:

Mas seja qual for o objetivo ostensivo das cerimônias, a característica mais marcante de sua organização é a maneira como revelam tensões sociais: as mulheres têm que demonstrar licenciosidade e dominância, em contraste com sua subordinação formal aos homens; príncipes devem se comportar com relação ao rei como se ambicionassem o trono; súditos

---

<sup>23</sup> Atualmente, o principal representante do “bairro da Feira” no futebol é o São Jorge Futebol Clube, mas o bairro já teve diversos outros times ao longo de sua história, como o Juventude, o São Mateus e a própria Feira. Contudo, a denominação do time principal foi substituída (antigamente era “Feira”) por São Jorge, como homenagem ao ex-técnico Jorge, após o seu falecimento. Desse modo, Feira se tornou o nome do time que disputa a 2ª divisão do municipal.

<sup>24</sup> “Engana-se quem imagina que os dribles ditos desconcertantes — um termo bastante ilustrativo, por sinal — sejam apreciados em si mesmos. Eles o são porque humilham, subjagam, desconcertam, enfim, porque são parte de uma troca hierarquizante entre o driblador e um driblado, e como tal prenes de significado”. DAMO. Do dom à profissão, p. 167.

<sup>25</sup> GLUCKMAN. Rituais de rebelião no sudeste da África, p. 7.

demonstram abertamente seu ressentimento contra a autoridade. Por isso, eu as chamo de rituais de rebelião.<sup>26</sup>

Nessa perspectiva, com a “vitória” obtida pelo drible, os moradores, torcedores e jogadores do Catanga entraram em confronto com o “centro” da cidade e inverteram o fluxo habitual em direção às “periferias”, mas não colocaram em risco a ordem estabelecida. O movimento é o de ir, mas, também, de voltar, no sentido de que se subvertem as regras por um dado momento, até que todos voltem para casa e para o lugar ao qual pertencem com o apito final.<sup>27</sup>

Na seção seguinte, busco demonstrar que, apesar dos esforços para minimizar os acontecimentos dentro do estádio, sem que eles irradiassem para o cotidiano, o conflito, inevitavelmente, circula por meio de narrativas diversas.

#### **LUTANDO CONTRA A FAMA FORA DE CAMPO**

Mesmo desejando que determinadas atitudes, como essa provocação durante o jogo, não extrapolem os conflitos para fora daquele contexto, existia a consciência por parte dos catanguenses de que era preciso gestar autoimagem que se contrapusesse à fama negativa que recaía sobre eles. Consciente de que existia um “todos” fora do Catanga, que estava “contra nós”, o qual alimentava e fazia circular narrativas e falas sobre o Catanga, Dário argumentava que algumas ações da direção do clube seriam oportunidades para reelaborar a reputação do Catanga e do “Bairro do Catanga”. Como ele mesmo me relatou, há três anos a diretoria do clube fez uma campanha para doação de chocolates durante o período da Páscoa (a diretoria usou parte do caixa do clube). Após o recolhimento dos chocolates, Dário, com outros membros da direção do Catanga, fez a distribuição do que foi arrecadado para as crianças da

---

<sup>26</sup> GLUCKMAN. Rituais de rebelião no sudeste da África, p. 7. Influenciado por algumas indagações feitas por Sir James Frazer em sua obra “O Ramo de Ouro”, sobre “rebelião ritual” do rei sacerdote do bosque de Nemi na Itália, Gluckman se propõe a considerar os mesmos componentes sociais análogos às cerimônias dos Bantos do Sudeste, em Zululândia, Suazilândia e Moçambique. Segundo o autor, durante os rituais de rebelião, distribuições particulares de poder são questionadas sem que se coloque em questão a estrutura do sistema; pelo contrário, acaba resultando na renovação da unidade do sistema em questão, o que forma, assim, um protesto institucionalizado. Ou seja, o ritual de rebelião ocorre dentro de uma ordem social estabelecida que não é colocada em questão.

<sup>27</sup> A ideia de inversão proposta pelo drible aproxima o futebol do carnaval, nos termos de DaMatta, em “Carnavais, malandros e heróis”.

cidade. À época, passou de carro por diferentes ruas e bairros, mesmo naqueles dos seus rivais em campo. Como destacou o capitão da equipe, essa campanha não era para reverter a “má fama” da comunidade do Catanga, porém, para eles, existia uma expectativa de que ao menos esse gesto fosse considerado.

Contudo, esse evento da Páscoa “deu o que falar”, porque o número limitado de chocolates fez com que determinados locais não fossem contemplados pela doação. Alguns boatos surgiram e intensificaram ainda mais a rivalidade entre o Catanga e os times das comunidades que se sentiram menosprezadas. Os comentários “incomodaram” porque, para a direção do Catanga, aquilo era um ato de benevolência, pelo qual eles tentavam “fazer o certo”. O caso demonstra que uma tentativa de modificar a reputação da comunidade do Catanga, por meio do gesto “benevolente” da doação, pode ser capturada pela sociabilidade agonística que caracteriza a relação entre times e bairros da cidade. A dádiva que deveria produzir aliados se transforma em veneno que intensifica a guerra.<sup>28</sup> O conflito não se restringe ao campo de jogo. A tentativa de “separar” as coisas — aquilo que seria somente do futebol daquilo que o extrapola, ou aquilo que se restringe ao estádio daquilo que acontece no cotidiano — fracassou.

A distribuição dos chocolates no período da Páscoa se aproxima do drible como outra tentativa de lidar com o conflito e supera a violência que lhe é intrínseca. Como o drible, a doação parece implicar outra inversão: o bairro “pobre”, “periférico”, se torna por um momento o doador, aquele que pode dispor de riquezas para “ajudar” os mais necessitados. Assim como no drible, afirma-se que não se pode lutar o tempo todo. Em um conflito que nunca parece ter fim, trata-se de jogar dentro das regras que coagem os mais fracos, mas com “jogo de cintura”.

Quando me refiro ao Bairro do Catanga como lugar “fraco”, não se trata de uma afirmação minha. A imagem perpassa o discurso e a prática de jogadores, torcedores e moradores do bairro, inclusive, sua resignificação. Era por intermédio do time de futebol que enalteciam o seu local de moradia, que era classificado como “favela”. Demonstavam também fazer parte de uma comunidade que se sentia vitoriosa a cada conquista no gramado. Contudo, essa comunidade participava

---

<sup>28</sup> MAUSS. O ensaio sobre a dádiva, p. 15.

ativamente das dinâmicas de classificação, conectadas a preconceitos e estigmas, aspectos positivos e negativos.

Atentos à veiculação entre o seu bairro como local de pobreza e estigma na cidade, jogadores, dirigentes e torcedores passaram a classificar as vitórias sobre os rivais e as conquistas de títulos como o momento de “festa na favela”. Essa expressão de comemoração do Catanga teve origem na canção “Sorte Grande”, de Ivete Sangalo (o refrão “Poeira, poeira, poeira / Levantou poeira”, entoado nas arquibancadas para o time Clube de Regatas Flamengo, se tornou uma marca de incentivo). Em resposta às disputas verbais com torcidas rivais que entoavam gritos de guerra chamando a torcida rubro negra de “mulambos” e “favelados”, a canção foi adaptada para a versão “Festa na Favela”: “Favela, favela, favela / Festa na favela!”. O título da música virou uma expressão de incentivo e da comemoração que estava por vir em caso de vitória dentro de campo. Quando o Catanga ficou a apenas um jogo do título municipal de 2019, o dia da grande final já era referenciado como o dia de “Festa na Favela”. Na concentração, horas antes da partida, e quando a conquista se concretizou, a música foi tocada e cantada diversas vezes, novamente em frente à sede do clube.

A operacionalização de estereótipos sociais durante as interações verbais entre torcidas é comum no futebol, como provocação e autoidentificação. Durante seu trabalho de campo com torcidas organizadas em São Paulo, Toledo (1996)<sup>29</sup> descreve um exemplo semelhante:

Os corintianos, por exemplo, eram, com frequência, chamados de maloqueiros, cachorros e favelados por outras torcidas. Invertendo estes atributos, a princípio negativos, impostos pelos outros, passaram a assumir tais adjetivos e a se identificarem ainda mais com essa imagem de time do povo — corintiano, maloqueiro e sofredor graças a deus.<sup>30</sup>

O futebol se institui, portanto, em possibilidade de conceber uma diversidade de narrativas que vão muito além do jogo “jogado” no estádio; passa por jogadores, torcedores, árbitros, dirigentes, espectadores, moradores de outros bairros da cidade, a partir de dribles, gols e do “tirar sarro”. Com isso, a partir de analogias

<sup>29</sup> TOLEDO. Torcidas organizadas de futebol.

<sup>30</sup> TOLEDO. Torcidas organizadas de futebol, p. 67.

simbólicas, pelo futebol também se falava sobre vida do Catanga. É a partir do seu time de futebol que podemos coletar evidências sobre uma comunidade que também retrata o bairro em que vive. É o reconhecimento de uma coletividade que participa ativamente de uma dinâmica que envolve operações de mapeamento, na qual esses sujeitos mantêm-se sempre atentos às ações e aos acontecimentos cercados por uma sociabilidade agonística, que reforça uma conflitividade latente por embates de reputação que orientam aspectos desses personagens em narrativas sociais. Nesse sentido, na condição de representantes de uma localidade marginalizada na cidade, o time de futebol se tornou fonte de respeitabilidade e uma oportunidade de demonstrar o valor daquele território, em que o bairro era ressignificado pelo futebol mediante os conflitos da torcida.

Entretanto, como pretendo demonstrar a seguir, Didi, torcedora do Catanga, acabou se colocando na condição de “problema” por exceder determinados limites. Ao contrário do “drible”, aquilo que concretiza um “jogo de cintura” para lidar com as adversidades advindas fama, Didi encarnava a radicalização da luta, o “passar do limite”, na medida em que expressa justamente o desequilíbrio.

#### **A “TORCEDORA PROBLEMA”**

Os jogos e os dois campeonatos de futebol que acompanhei (LDC e Campeonato Municipal) marcavam os domingos do Catanga e criavam um cenário de brigas e preocupações, embora não se resumissem a apenas isso. O Campeonato Municipal de Passa Quatro, especificamente, conta com muitos times de bairro que formam comunidades diversas, nas quais as bases eram laços familiares e de vizinhança. As partidas que presenciei revelavam tensões mesmo sem a presença de embates físicos. Em uma ocasião, contudo, testemunhei como a briga entre dois jogadores pôde se tornar um conflito coletivo muito rapidamente. Os episódios mais tensos se tornaram mais frequentes perto do fim da primeira fase da competição municipal. Conforme ela foi avançando, o número de espectadores também se tornou maior. A briga que presenciei, a qual descreverei agora, ocorreu quando o Catanga já estava garantido como primeiro colocado do grupo da primeira divisão, contando, inclusive, com uma vitória bastante comemorada por 3 a 2 sobre o São Jorge. Mesmo

classificado para a fase seguinte do campeonato, o mata-mata,<sup>31</sup> o clube tinha o último jogo da primeira fase contra o Catania.<sup>32</sup>

Conforme Fabinho, Laura, Didi e Paula<sup>33</sup> haviam me dito, aquele jogo “era tudo nosso”, no sentido de que o resultado não importava, mas sim o incentivo aos times (afinal, não haveria antagonismo entre times e torcedores). Desse modo, a expectativa era de um jogo mais tranquilo, em que o resultado não comprometeria a continuidade de nenhuma das duas equipes na busca pelo título municipal; a partida separava amigos, primos e conhecidos. Minhas interlocutoras ressaltaram que não estavam torcendo pela vitória de nenhum dos lados. Naquela partida, diziam que “o coração estava dividido”. Inclusive, é importante destacar que Didi e Laura foram ao estádio pela primeira vez sem a camisa do time do Catanga, ausência de um símbolo importante; isso comunicava que não existia torcida para nenhum dos lados naquele dia. Somente Paula permaneceu com a camisa do Catanga. Na ocasião, a própria Didi me confidenciou: “Se eu tiver que escolher um dos lados, fico do lado do meu filho”.

Laura, como de costume, chegou com suas irmãs e outros torcedores organizados, foi até a arquibancada cumprimentar todos e, ainda antes do início do jogo, deslocou-se para o espaço que adotou para assistir aos jogos e manteve-se distante da arquibancada. Paula e Didi permaneceram ao lado da torcida organizada. A bateria pouco se manifestou no primeiro tempo, até que o Catanga abriu o placar da partida. Didi e Paula comemoraram o gol e participaram das canções de incentivo ao time, da mesma maneira que fizeram nos demais jogos.

O panorama do jogo, contudo, mudou no segundo tempo com uma falta forte no filho de Didi, que estava em campo e vestia a camisa do Catania, o que resultando resultou em sua queda no gramado enquanto segurava uma das pernas. A falta foi

---

<sup>31</sup> É um sistema eliminatório que advém do inglês playoff; é uma fase da competição na qual cada partida se torna eliminatória, ou seja, somente os vencedores avançam para a fase seguinte até dois times chegarem à final.

<sup>32</sup> Não raro, a disputa pela escalação no time titular do Catanga (a equipe principal masculina que disputa a 1ª divisão do campeonato municipal) gerou rompimentos e resultou no surgimento de outras equipes no bairro. Esse foi o caso do Catania, equipe composta por jogadores de diferentes bairros; a sua maioria era do próprio Catanga, inclusive muitos ex-jogadores da equipe principal. O Catania se configura como uma fissura por causa de um fluxo que não deu conta de abarcar todos os jogadores, o que fortaleceu um modelo de circulação.

<sup>33</sup> Presidente do clube e torcedoras, respectivamente. Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

quase no meio de campo, e o tio, zagueiro do time que estava posicionado perto do gol durante o lance, correu até o jogador adversário que cometeu a falta e o empurrou, o que gerou uma briga generalizada. Meu foco estava nos acontecimentos em campo até olhar novamente para a arquibancada e ver Didi pulando a grade de proteção e entrando no meio da confusão de corpos no gramado.

Tanto o jogador que cometeu a falta quanto o irmão de Didi receberam cartão vermelho e foram expulsos da partida. O filho de Didi tirou a mãe do meio da confusão; segurou em seus ombros e pediu para que ela se retirasse do campo e “parasse de envergonhá-lo”. Quando ela caminhava em direção à saída do campo, seu marido também pulou a grade para acompanhá-la. Ela saiu onde normalmente ficam as torcidas adversárias, do outro lado do estádio, contornou todo o campo e voltou para a arquibancada aos prantos, bastante abalada com a fala do filho. Didi chegou a mim e disse estar bastante envergonhada e com medo de perder o respeito do filho. Então, argumentou que o problema era o excesso de bebida nos dias de jogo. Foi a primeira vez que a vi sem a camisa do Catanga enquanto assistia, sentada, ao restante do jogo. Durante os minutos finais do segundo tempo, Didi pedia desculpas repetidamente (“Me desculpa também Marcos, não quero perder a sua amizade”).

Com o final da partida, Didi se mostrou preocupada com seu irmão. Este havia saído da briga com bastante sangue no rosto por conta de um corte no supercílio e se retirou do estádio direto para o hospital da cidade. Desse modo, Didi me pediu que fosse até lá para ter notícias enquanto ela iria tentar conversar com o filho no caminho de volta para casa. Chegando ao hospital, a recepcionista disse que o jogador já fora atendido e liberado minutos antes da minha chegada e que levara alguns pontos no supercílio. Antes do jogo do próximo domingo, já pelas quartas de final da competição municipal, o secretário de esportes da cidade determinou as punições. Os dois jogadores envolvidos diretamente na briga foram suspensos até o fim da competição, e Didi ficou impedida de frequentar o estádio municipal por um ano. Na partida seguinte, quando se iniciou a segunda fase do campeonato, diversos foram os comentários na arquibancada sobre o ocorrido: “[...] aquela mulher é muito louca”, “[...] bebe demais”, “[...] baniram a torcedora problema”.

\* \* \*

A reputação de “encrenqueiros” para os moradores do bairro se deve, em grande medida, às ações dos torcedores no estádio, quando estão comunicando o seu pertencimento por meio de práticas e elementos simbólicos de grande potencial agonístico. Foi para tentar observar o tema mais de perto que me aproximei de Didi, Paula e Laura, três irmãs moradoras do bairro, torcedoras, assim como mães, esposas, irmãs e tias de jogadores no campo.

O primeiro contato que tive com elas foi durante o jogo de estreia na LDC, em 2019. Naquela ocasião, o Catanga perdeu a partida por 2 a 1. Didi passou todo o segundo tempo ou pendurada ou muito próxima da grade, no exato local em que a árbitra do jogo estava posicionada. Foram diversos palavrões e provocações, visto que a torcedora estava convencida de que o corpo de arbitragem estava prejudicando o Catanga de maneira intencional. Com o final da partida, optei por ser um dos últimos a sair para não perder nenhum detalhe. Ao chegar próximo ao portão, vi o grupo de mulheres que estavam próximas de mim durante todo o jogo tomando cerveja. Uma delas era Didi, a torcedora que havia confrontado a árbitra durante a maior parte do segundo tempo da partida. As mulheres estavam conversando em certa altura, combinando de ir até o vestiário para “pegar” os árbitros; seria um acerto de contas por considerarem o trio de arbitragem os verdadeiros responsáveis pela derrota.

Para me aproximar, comentei sobre o jogo e disse que fora um infortúnio o fato de o resultado não ter sido o desejado. Então, foi aí que elas passaram a interagir comigo e queixaram-se bastante dos árbitros. Argumentaram que o jogo fora “roubado” e que os árbitros mereciam apanhar por conta disso. No primeiro momento, fizeram uma roda próxima ao portão de saída do estádio, onde proferiram falas exaltadas sobre a partida. Conforme o tempo ia passando e os árbitros não saíam pela porta do ginásio onde fica o vestiário, as torcedoras decidiram ir até o local e bloquearam a saída. Por esse motivo, tiveram de ser contidas pela organização porque aquele comportamento poderia ocasionar perda de pontos na competição. A ameaça surtiu efeito em Didi, que passou a monitorar os demais torcedores durante a competição para que o time não fosse prejudicado em termos de pontuação, o que poderia atrapalhar o caminho para o título.

Houve outra situação, em outra partida, em que um torcedor presente na arquibancada arremessou uma latinha de cerveja no campo. No momento em que o árbitro paralisou o jogo para pegar objeto e mostrá-lo para o árbitro de mesa, com o intuito de registrar na súmula da partida o ocorrido, diversos torcedores do Catanga disseram que o ato não teria sido feito por um deles. Diante da frustração da torcida, Didi alertou os demais que tinha reconhecido o autor e incitado um acerto de contas na moradia do suspeito, investida que não se concretizou. A questão da latinha efetivamente gerou um problema, e o Catanga foi penalizado em três pontos na classificação geral da competição. Após a partida, o secretário de esportes resolveu se queixar com alguns jogadores do Catanga sobre o comportamento específico de Didi ao longo do campeonato. No outro domingo, ciente do sermão do secretário, logo no início da partida, Didi adotou postura diferente e caminhou em direção à árbitra que estava no local onde costumava ocorrer as provocações, próximo da linha de escanteio. Então, começou a brincar com as seguintes falas: “Hoje tá tudo bem” (*sic*), “Não quero confusão”.

Outro momento de tensionamento ocorreu pela disputa de espaço na arquibancada, uma ideia de gestão territorial. Embora o Catanga tivesse o seu espaço reservado, não só demarcando o seu pedaço,<sup>34</sup> como produzindo fronteiras com outros torcedores, o que implicava assentos garantidos na área coberta, com bancos de cimento que proporcionavam boa visão para o campo e certa proximidade dos árbitros da partida, vê-las sentadas para assistir aos lances se mostrou algo bastante incomum. Didi passava grande parte do jogo pressionando o árbitro que eventualmente estivesse cobrindo aquele lado do campo, e, como na maioria dos jogos, foi escalado o mesmo trio de arbitragem, composto por dois homens e uma mulher, por isso suas falas alternavam entre “urubizinha”, “velho veado”, além de outros xingamentos acompanhados de constantes ameaças de pular a grade de

---

<sup>34</sup> O conceito de “pedaço”, elaborado em MAGNANI. Da periferia ao centro; MAGNANI. Festa no Pedaço, foi desenvolvido a partir de suas pesquisas sobre cultura popular e modalidades de lazer em bairros periféricos na cidade de São Paulo. O conceito contribui para pensar a relação entre o time de futebol e o bairro por relacionar componentes da ordem espacial que correspondem ao simbólico. Ou seja, o território do Catanga bem demarcado e constituído por espaços de passagens e encontros que são definidos pelas atividades do time de futebol, o qual opera como referência de ordenamento a partir dos códigos de pertencimento clubístico que ordena e classifica aqueles que são do pedaço do Catanga.

proteção que separava a arquibancada e o campo para confrontá-los fisicamente. Em momentos mais exaltados, Didi se pendurava na grade e ameaçava pular no campo em direção aos árbitros, sem grandes represálias por parte dos demais presentes. Segundo torcedores do Catanga, esse comportamento também ocorreu nas competições de 2018 e já era algo esperado pelos demais presentes. Presenciei, inclusive, um momento em que Fabinho pediu para Didi ir até o arbitro para pressioná-lo, e ela o fazia à sua maneira. Muitas vezes, voltava dessa pressão sobre os árbitros com o rosto vermelho e bastante ofegante.

Paula, a irmã mais nova, apesar de estar sempre ao lado de Didi na arquibancada durante todos os jogos, gostava de ficar comentando os lances e discutir posicionamentos e táticas, além de também “puxar” canções e acompanhar as movimentações da bateria. Embora não se envolvesse em atritos no estádio da mesma maneira que Didi, não significava que não estava vigilante em relação aos códigos do pedaço do Catanga, e isso se mostrou mais evidente quando ela confrontou um torcedor que torcia para o time adversário na arquibancada, próximo da torcida organizada (o fato de ser alguém conhecido não impediu troca de agressões verbais). Um rapaz, que não vestia a camisa de nenhum clube, estava sentado próximo à torcida do Catanga e reagia de maneira enérgica a cada lance do time adversário que possibilitava uma aproximação do grande objetivo de fazer o gol. Ao perceber essas reações, Paula mostrou sua irritação e gritou em sua direção “Cala boca, seu filho da puta”, “Seu bairro nem time tem!”. Minutos depois, o rapaz comemorou o gol contra o Catanga e balançou o genital em sua direção. Extremamente exaltada com a provocação, Paula chamou o torcedor para a briga: “Você só fala! Vem aqui resolver se for homem”. Nesse momento, Laura, que estava assistindo ao jogo um pouco mais distante da arquibancada, passou na frente da sua irmã e foi até o torcedor colocar o dedo na cara dele enquanto o ameaçava.

Como dito no relato sobre a discussão, Laura não costumava assistir aos jogos na arquibancada durante as duas competições que presenciei; ela se deslocava para outro espaço e assistia aos jogos atrás de um dos gols, rente à grade e cercada de outros familiares e amigos. Embora também demonstrasse descontentamento com as decisões dos árbitros em alguns momentos e contra torcedores que se manifestavam a favor do adversário do Catanga em campo, seu comportamento era

mais contido e tinha os olhos sempre atentos ao seu filho mais velho, que ocupava a posição de lateral, e de seu filho “de consideração”, Miguel, atacante do Catanga. Apesar de estar a certa distância de suas irmãs, as quais estavam juntas da torcida organizada na arquibancada, caso percebesse qualquer início de confusão que envolvesse uma delas, sua postura se modificava; como ela mesma me disse: “Se precisar brigar, eu brigo”. Esse afastamento inicial na hora de assistir ao jogo reflete um incômodo e uma tentativa de evitar confrontos com conhecidos e até mesmo com suas irmãs. Como também observou Kessler<sup>35</sup> em sua etnografia sobre futebol de mulheres na capital gaúcha, alguns torcedores mudavam de lugares para evitar possíveis confrontos ou incômodos na tentativa de estabelecer ordem relativa caso alguém “passasse do limite”.<sup>36</sup> Esse limite era tensionado em relação aos outros torcedores do Catanga, pertencentes àquele pedaço onde a torcida se posicionava no estádio. Laura considerava se afastar para evitar um conflito, mas isso não ocorria com outros torcedores, visto que estes tencionavam fronteiras, e o conflito ocorria por questão de gestão territorial.

John Comerford<sup>37</sup> fala sobre uma forma de sociabilidade marcada por caráter agonístico em diferentes espaços. Ele cita, inclusive, o futebol, no qual existe a possibilidade de provocar e ser provocado a partir de entendimento nativo em que a provocação pode ser jocosa ou séria, com a possibilidade de ser entendida também como falta de respeito, insulto e até mesmo ofensa. Nesse sentido, o autor argumenta que a provocação tem dupla operação de interpretação, tanto daquele que provoca e brinca quanto daquele que é ou se sente provocado.<sup>38</sup> Forma-se um conjunto de operações que envolvem não somente aqueles que estão interagindo diretamente, mas também as interpretações do público presente. Assim, essa dimensão agonística compõe as formas de sociabilidade.

Assim, um segmento de ações agonísticas é representado em outros contextos, através de narrativas, que podem estar elas mesmas inseridas em um contexto de provocação. E tais narrativas também podem se tornar parte de ainda outras narrativas, e assim por diante. O desafio, a *provocação*, é, portanto sempre um mecanismo complexo, campo para

---

<sup>35</sup> KESSLER. Torcedor joga na palavra.

<sup>36</sup> KESSLER. Torcedor joga na palavra, p. 136.

<sup>37</sup> COMERFORD. Como uma família, p. 40.

<sup>38</sup> COMERFORD. Como uma família, p. 84-85.

muitas sutilezas. Ao ser observado por um público, esse fluxo de ações e interpretações vai se inserir no fluxo de narrativas da comunidade, passando a estar sujeito a ainda outras interpretações.<sup>39</sup>

É a partir desse “saber-viver” que podemos falar também de um “saber torcer”, no qual implicações morais entre provocações e respeitabilidade são geridas por esses torcedores em proporções desiguais. Um caso é o da evitação amigável por parte de Laura, que se “isolava” dos demais torcedores no estádio. Outro caso é o da transgressão da boa regra de convivência pelo torcedor que ocupou o espaço da arquibancada entendido como “pedaço do Catanga”, com o agravante de comemorar um gol do time adversário. Essa atitude provocou não apenas uma de suas torcedoras (Paula), como toda a comunidade do Catanga, uma vez que o time é também fonte de narrativas de respeitabilidade para o bairro. Como dito anteriormente, não era somente o bairro, mas a torcida de futebol também tinha a reputação de ser “encrenqueira”. Tal situação formava aquilo que denominei “Comunidade Futebolística do Catanga”,<sup>40</sup> e essa comunidade era famosa pelas brigas e pelas discussões dentro e fora do estádio.

Esse clima de tensão e apreensão se tornava também um ingrediente para jogos específicos em que o Catanga enfrentava seus maiores rivais em campo, como era o caso do time da Feira. Ouvei diversos relatos de pessoas que não costumavam frequentar o estádio, mas que consideravam assistir ao jogo que classificavam como “tão aguardado”.

É importante ter em mente que, diante dos diferentes critérios sobre o que é considerado provocação ou brincadeira, existe aquilo que Kessler (2020)<sup>41</sup> destaca como lógicas e estratégias sobre o entendimento do papel esperado de cada personagem naquele ambiente do futebol. Os confrontos de Didi para pressionar os árbitros durante todo jogo era algo esperado e até mesmo incitado por membros da torcida do Catanga, algo visto como necessário para que a equipe não fosse

---

<sup>39</sup> COMERFORD. Como uma família, p. 85.

<sup>40</sup> No caso do Catanga, a fidelidade estabiliza o ato de torcer, ou seja, a maneira como se pensa e organiza a torcida em torno do time, uma vez que estamos falando de comunidade futebolística que também representa o bairro e transcende o jogo dentro do estádio. Os códigos dessa forma de torcer, é importante destacar, não se tratam de uma simples devoção à violência, mas de uma forma de comunicação enfática que traduz concepções de mundo e valores diversos a partir da ambivalência do insulto.

<sup>41</sup> KESSLER. Torcedor joga na palavra, p. 139.

prejudicada a partir de um jogo de intimidação que, em alguns momentos, era preciso ser controlado.

Na verdade, como busquei demonstrar com as narrativas descritas, Paula, Laura e até mesmo Didi não são o "problema". Pelo contrário, podemos dizer que são modelos, protótipos de torcedoras que representam o Catanga justamente porque o vínculo delas com o clube vai além do pertencimento, mas também passa pelo parentesco, pela amizade e pela vizinhança (elas estavam sempre atentas aos seus filhos, irmão e sobrinhos). Contudo, principalmente Didi acabava se colocando na posição de "problema" por exceder certos limites. Assim, ela simbolizava o oposto daquilo que Dário pretendia ser, o modelo paradigmático de lidar com a má fama e a reputação do bairro. Ao contrário do "drible", aquilo que concretiza um "jogo de cintura" para lidar com as adversidades, Didi encarnava a radicalização da luta. Se retornamos para a descrição do jogo em que ela invadiu o campo, a própria Didi sentiu que extrapolou ao pedir desculpas repetidamente para mim e para o seu filho e colocar a bebida justificativa. Assim, a bebida simboliza o "passar do limite" e o contrário do "jogo de cintura", na medida em que expressa justamente o desequilíbrio. Se, a partir da fala de Dário, foi possível compreender que driblar seria uma estratégia inteligente no sentido de achar o caminho para inverter a fama, sem, no entanto, aboli-la completamente, a bebida seria o contraponto por meio do qual a torcedora é levada pelas emoções.

Didi está posicionada nos limites entre a torcedora modelo e a torcedora problema. Nem totalmente uma, nem totalmente outra. Ela parece simbolizar o limite do próprio futebol e expressa conflitos que nunca encontram solução. Por mais que se busque o controle (como o próprio Dário tentou com a distribuição dos chocolates durante a Páscoa), na prática, é diferente, e as coisas saem do controle. Assim, a relação agonística gera problema no campo e, de reputação do bairro, também fora.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRODUZINDO A DIFERENÇA**

Por coincidência, o domingo seguinte, em 11 de novembro, dia da grande final, dia de "festa na favela", foi uma reedição do jogo em que ocorreu a briga dentro de

campo semanas antes. Entretanto, dessa vez, o clima foi diferente; Não houve ocorrência de violência física. A organização do evento decidiu aumentar a segurança, contratou dois seguranças e pediu apoio da polícia, que deixou um carro estacionado próximo ao portão de saída. Novamente, o jogo causava um “aperto no peito” e a preocupação maior era de que nenhum jogador saísse machucado.

Para Fabinho, o resultado não importava. A partir de uma fala que priorizava o “bem maior” do bairro, já que ambos os times representavam o bairro do Catanga, ele dizia: “Independente de quem ganhar, é tudo nosso”. No decorrer do jogo, porém, quando o Catanga abriu a vantagem de 1 a 0, em uma fala mais reservada, seu posicionamento mudou: “Catania é o caralho, quem tem que ganhar é o Catanga!”. Essa atitude contrastou uma fala pública com um sentimento privado (algo que também pode ser compreendido como tentativa de controle).

O Catanga ganhou a partida por 4 a 2 e se tornou o campeão municipal de 2019. Mesmo proibida por um ano de frequentar o estádio municipal, a punição não impediu Didi, novamente sem a camisa de nenhum dos dois times, de entrar no gramado durante a premiação para comemorar o título, além de tirar foto com o time e com a medalha de prata dos seus filhos. Seu filho, o mesmo que a retirou do gramado durante a confusão e disse estar envergonhado na ocasião, colocou a medalha de vice-campeão no peito de sua mãe para homenageá-la.

É importante destacar o caráter dissociativo do futebol por meio de um ímpeto agonístico. Novamente dois times do bairro, Catanga e Catania, se enfrentaram pelo título de campeão da cidade e, naquela ocasião, parecia não haver a menor possibilidade de ocorrer alguma briga. Laura, por exemplo, decidiu comparecer novamente ao estádio sem a sua camisa habitual do Catanga, de modo que deixou de lado um símbolo importante para evitar o conflito. No entanto, a despeito das tentativas de mascarar as diferenças, elas emergem outra vez; novamente, o futebol lembrou a todos que não era “tudo nosso”. Com a ocorrência do gol, o conflito se mostrou inerente ao jogo. Mesmo sem os símbolos, no caso a camisa, o futebol produziu a diferença.

Observaram-se diferentes formas de expressar emoções e sociabilidades durante as partidas de futebol nas duas competições que acompanhei no decorrer da dissertação. No caso específico das torcedoras Didi, Paula e Laura, seus

envolvimentos com o time do Catanga também passavam por outro componente estruturante além do pertencimento, pois possuíam também um vínculo de parentesco. Acompanhar as partidas também era entendido como uma atividade familiar. Ao mesmo tempo em que apoiavam o time, estavam sempre vigilantes em relação aos seus filhos e sobrinhos. Quando consideravam que eles precisavam de ajuda, não hesitavam em pressionar e até mesmo confrontar os árbitros da partida e, se necessário, pular dentro de campo para protegê-los, além de vigiar os demais torcedores para que não prejudicassem o time em questão de pontuação. Como ressalta Kessler (2020),<sup>42</sup> a assistência familiar na prática esportiva ocorria a partir de uma via de mão dupla, fornecia segurança física e emocional e colocava, muitas vezes, o resultado da partida em segundo plano.<sup>43</sup> A importância dessa participação foi reconhecida pelo próprio filho de Didi ao colocar a medalha de vice-campeão municipal (Catania) no pescoço da mãe, que dançava emocionada e segurava a taça de campeão municipal do seu time de coração (Catanga), afinal, naquele dia, a conquista também era dela.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2020**. Disponível em: <https://bit.ly/3Bfon4m>. Acesso em: 20 ago. 2020.

COMERFORD, J. **Como uma família**: sociabilidades, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UERJ, 2003.

DAINESE, G. **Chegar à Terceira Margem**: um caso de prosa, paixões e maldade. *Anuário Antropológico/2014*, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 1, p. 233-255, 2015.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

---

<sup>42</sup> KESSLER. Torcedor joga na palavra, p. 142.

<sup>43</sup> KESSLER. Torcedor joga na palavra, p. 142.

DAMO, A. **Do dom à profissão**: Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. S. Futebol e antropologia. In: GIGLIO, S. SETTANIS. PRONI, M. W. (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editoria Unicamp, 2020.

DAMO, A. S. Senso de Jogo. Universidade de Santa Cruz do Sul, **Esporte e Sociedade**, n. 1, nov. 2005/fev. 2006.

GLUCKMAN, M. **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Série Tradução, Brasília, v. 1, n. 3, s. p., 2011.

KESSLER, C. S. “Torcedor joga na palavra”: uma etnografia em jogos de equipes de futebol de mulheres de Porto Alegre/RS. In: KESSLER, C. S.; COSTA, L. M. da; PISANI, M. da S. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

MAUSS, M. **O ensaio sobre a dádiva**. Cosac & Naify, 2013.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, v. 35, p. 191-203, 1992.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco**: Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, UNESP, 2003.

MOSSRI, P. **Apostila Passa Quatro**. 1995.

PEREIRA, L. P. As vicissitudes da fama: os dons divinos e os pactos demoníacos entre os tocadores de viola de dez cordas do norte e noroeste mineiro. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 55, n. 2, 2012.

SALES, J. R. **A tromba-d’água de 1956 em Passa Quatro/MG**: perfil socioeconômico das vítimas fatais. Varginha, 2011.

SPAGGIARI, E. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

SPAGGIARI, E. Futebol e antropologia, um jogo etnográfico “de categoria”. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editoria Unicamp, 2020.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Anpocs, 1996.

\* \* \*

Recebido em: 15 de outubro de 2021  
Aprovado em: 2 de março de 2022